

Gravuras rupestres da Breia, Cardielos, Viana do Castelo

Rock engravings of Breia, Cardielos, Viana do Castelo

Ana M. S. Bettencourt

Department of History of the University of Minho, Gualtar Campus, 4710-057 Braga,
Portugal; Transdisciplinary Research Centre Culture, Space and Memory – CITCEM.

E-mail: anabett@uaum.uminho.pt

Tipo de Sítio / Site: Arte Rupestre / Rock art.

Cronologia / Chronology: Pré-História Recente; Proto-História História / Late Prehistory; Protohistory; Historic period.

Localização administrativa / Administrative Location: Breia, Cardielos, Viana do Castelo.

Coordenadas geográficas / Geographic coordinates: 41° 43' 18" W; 8° 44' 00" N (Rocha / Rock 1) (Fig. 1).

Acesso / Access: Seguir a A27 no sentido Viana do Castelo - Ponte de Lima e sair para Nogueira. Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita, denominada rua da Portela. Após o casario do Lugar da Breia deve seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27. Logo de imediato deve estacionar e descer por um caminho de terra batida que existe do lado direito, até ao momento em que ele faz uma curva pronunciada para a esquerda. A rocha 1 encontra-se à direita do caminho, a cerca de 10 m, e perto da rede que delimita a autoestrada. As rochas 2 e 3 encontram-se para montante da primeira, do lado esquerdo do mesmo caminho / Follow the motorway A27 towards Viana do Castelo – Ponte de Lima and exit at Nogueira. Turn towards Cardielos on the first roundabout. After the sign that indicates the parish, cut on the second right to Rua da Portela. Passing the row of houses at Lugar da Breia, go straight and cross the flyover that goes over A27. Park the car straight after and descend through a dirt road on the right side until it makes a sharp turn to the left. Rock 1 is found on the right side of the path, at about 10 m, and near the net delineating the motorway. Rocks 2 and 3 are found upstream in regard to the first one, on the left hand side of the path.

A Breia é composta por um conjunto de três afloramentos horizontalizados e pouco destacados do solo que se localizam ao longo de um pequeno vale, existente na base da vertente Este do Monte de S. Silvestre. Aí corre uma linha de água que vai desaguar ao rio de Nogueira, um dos afluentes da margem direita do Lima. Trata-se de um local de portela natural entre as terras de fundo de vale e as de altitude, tendo sido área tradicional de pastoreio.

A Breia 1, descoberta por Francisco Queiroga, em 1999, no âmbito de trabalhos relacionados com a construção da A27, corresponde a um afloramento de grandes dimensões, orientado no sentido Oeste-Este, hoje parcialmente soterrado pelo transporte de sedimentos. Fica num lugar abrigado, com excelente visibilidade para Este e Sudeste, onde se avista o vale de Nogueira, em primeiro plano, e o Alto do Castelo, nas freguesias de Santa Maria de Gerás do Lima e da Facha, já na margem esquerda do Lima. Para Norte e Sul a visibilidade é reduzida, tendo em conta a proximidade de duas elevações. Para Noroeste e Oeste avistam-se os cumes e as vertentes do Monte de S. Silvestre. As características desta rocha teriam possibilitado uma audiência significativa em seu redor com boa visibilidade para os motivos gravados.

Francisco Queiroga escavou uma grande parte da superfície do afloramento e pôs a descoberto uma série de painéis gravados que levantou, em colaboração com Filipe Antunes, do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, em Braga, local, onde o decalque está reproduzido desde 2007 (Fig. 2). Em 2008 este foi publicado por Almeida (2008), acompanhado de uma descrição deveras insuficiente das gravuras e sem qualquer referência ao historial do local, embora uma breve descrição do mesmo, acompanhada de fotografias, tenha sido publicada em 2005, pela subscritora deste texto (Bettencourt 2005), com autorização de Francisco Queiroga.

Na parte descoberta do afloramento distribuem-se vários painéis inseríveis na denominada arte atlântica. O maior e mais complexo localiza-se a Nordeste, numa área ligeiramente sobrelevada e delimitada parcialmente por duas pequenas diaclases. Apresenta uma densa teia de motivos circulares, unidos por linhas sinuosas que parecem estar em conexão com uma figura “idoliforme”(Fig. 3). Esta tem um contorno grosseiramente trapezoidal com a parte superior arredondada, fazendo lembrar uma figura antropomórfica, e é segmentada no interior. Na parte inferior apresenta um círculo concêntrico com covinha, a partir do qual sai uma linha sinuosa que “unifica” este painel (Figs. 2 e 4). É, de um lado e do outro desta linha que irão surgir, isolados, três zoomorfos esquemáticos, possivelmente equídeos, que se dirigem para nascente. Pelo menos dois deles estão montados com antropomorfos. Um outro quadrúpede ocorre isolado, em área periférica às composições circulares, dirigindo-se para poente. É também nesta zona que um círculo segmentado se parece sobrepor a alguns motivos, nomeadamente ao que parece um zoomorfo.

A oeste do painel descrito e a cota inferior existe um conjunto de figuras circulares, nomeadamente círculos concêntricos com ou sem covinha central, espirais e um círculo segmentado que se distribuem de forma dispersa pelo afloramento e onde só alguns motivos se encontram ligados por sulcos (Figs. 2 e 5). Em redor de muitos destas composições registam-se quadrúpedes esquemáticos, alguns montados, dirigindo-se para diversas direções, o que confere grande dinamismo e movimento a este painel. No canto noroeste, á volta de uma das composições mais complexas (composta por dois círculos concêntricos que se sobrepõem parcialmente e de um grande motivo de contorno triangular, entre outros símbolos) foi gravado um quadrúpede de morfologia distinta dos anteriores. Trata-se de um cavalo montado por um antropomorfo que transporta o que parece ser uma lança, em posição de arremesso (Fig. 2). Esta figura foi gravada de forma menos profunda do que os restantes motivos.

Podemos ainda considerar um terceiro painel, a sul do primeiro. Também aqui predominam as figuras circulares dispersas, existentes de ambos os lados de pequenas diaclases que se orientam de nordeste para sudoeste. Neste, foram ainda gravadas duas figuras em baixo relevo. Uma de difícil interpretação, sensivelmente a meio, e outra já a uma cota inferior da rocha. Trata-se de um cavalo seminaturalista que se movimenta para poente, com o seu respetivo cavaleiro.

Por fim, na extremidade sudoeste do afloramento, gravaram-se, igualmente, motivos circulares dispersos e diversas covinhas e cruciformes, jestas últimas já realizadas a pico metálico.

A partir deste levantamento e de observações realizadas no local foi possível ensaiar algumas hipóteses de faseamento, já tentadas anteriormente (Bettencourt 2005), embora com menos dados.

Numa primeira fase, o que não implica simultaneidade temporal, pois há círculos concêntricos que se sobrepõem parcialmente, terão sido realizadas grande parte das composições circulares (Bettencourt 2005), provavelmente iniciadas pelo painel 1, em posição topográfica destacada e com uma composição complexa organizada a partir de um “idoliforme”. Nesta fase incluiríamos também um possível cervídeo, sobreposto pelo único círculo raiado que existe no painel 1.

Numa segunda fase terão sido realizados os zoomórficos esquemáticos, possivelmente equídeos, por vezes montados, que ocupam posições periféricas nos painéis 1 e 3 e que rodeiam as

composições circulares do painel 3, assim como, talvez, o círculo raiado do painel 1. Posteriormente terá sido gravado o cavalo e o cavaleiro portador de uma arma, do painel 2, insculpido com um sulco muito fino e pouco visível, talvez na Idade do Bronze, assim como o cavaleiro em baixo relevo, do painel 3 (Bettencourt 2005) que cremos da Idade do Ferro.

De época histórica serão as cruces e as covinhas que se lhes relacionam, do painel 4, indiciadoras da cristianização do lugar (Bettencourt 2005).

As rochas 2 e 3 foram descobertas casualmente pela autora deste texto, encontrando-se por estudar exaustivamente.

A Breia 2 localiza-se numa plataforma mais elevada do que a Breia 1, a oeste-noroeste desta, numa zona profundamente irrigada da margem direita do pequeno vale aí existente. Daqui o horizonte visual abarca o vale para montante e jusante, embora não visualize a Breia 1. O afloramento é de grande dimensão, contem diversos veios de quartzo e é composto por dois tipos de granito, um de grão médio e outro de grão mais fino (Fig. 6). É precisamente nesta parte que se encontra a única gravura que observámos, de carácter sub-circular e aberta (Fig. 7).

A Breia 3 fica para montante, no fundo do vale, ou seja, a nor-nordeste da Breia 2 e a poucas centenas de metros para jusante de um lameiro que lhe é sobranceiro e onde se acumulam as águas que correm neste vale. Deste afloramento a visibilidade é reduzida, embora exista contacto visual com o topo do lameiro e a Breia 2. Também é de granito mais fino do que o predominante no local. Apesar das suas dimensões consideráveis, está parcialmente coberta por um muro de divisão de propriedade que lhe passa a meio (Fig. 8). Aí, sobressai um motivo circular (espiral?) realizada em torno de uma pequena protuberância do afloramento (Fig. 9).

Este conjunto de gravuras distribui-se no espaço de forma peculiar ao seguir o percurso do vale e das águas, desde a sua nascente até perto da foz, embora cada uma tenha uma abrangência visual distinta. A visibilidade mais fechada verifica-se na Breia 3, seguida da Breia 2 e, finalmente, da 1 de onde se avista ou “adivinha” a foz deste vale e os vales de Nogueira e do Lima. Tal característica faz deste local, um lugar liminar, de encontro de diferentes mundos físicos, situação a que, talvez não seja alheia, a sua complexidade.

Esta relação espacial entre os diferentes afloramentos gravados ao nível local, leva-nos a considerar a hipótese de que as comunidades que os gravaram e frequentaram, pelo menos numa primeira fase, teriam privilegiado a mobilidade física e simbólica quer das águas quer da passagem de pessoas e animais, entre o fundo do vale e as terras altas. De registar que as suas temáticas também sugerem movimento. Tal é o caso, por exemplo, da espiral, à volta de um ponto mais alto, na Breia 1; das diferentes espirais da Breia 3; das linhas sinuosas que saem do interior dos círculos do painel 1 da Breia 3 e, mais tardiamente, da orientação dos quadrúpedes nos diferentes painéis.

De salientar que este lugar, partilhado ao longo de milénios por diversas comunidades humanas que aqui viveram, foi rota tradicional de pastoreio até ao séc. XX.

Breia consists of a group of three horizontal outcrops not very visible on the ground, located on a little valley present at the base of the East slope of Monte de S. Silvestre. There runs a watercourse that flows to Nogueira River, one of the tributaries of the right bank of Lima River. It is a place of passage between the lower lands of the valley and the higher ones, being a traditional area for pasture.

Discovered by Francisco Queiroga in 1999, in the scope of works related with the construction of A27, Breia 1 corresponds to an outcrop of big dimensions orientated to West – East.

Today, it is partially covered due to the transportation of sediments. It is located in a sheltered place with excellent visibility to East and Southeast, where the Nogueira valley can be seen in the foreground and Alto do Castelo, in Santa Maria de Gerás do Lima and Facha parishes, on the left bank of Lima River. To the North and South, the visibility is reduced, taking into account the proximity of two elevations, and to the Northwest and West, one can see the peaks and slopes of Monte de S. Silvestre. The characteristics of this rock would have allowed a significant audience to surround it with good visibility to the engravings.

Francisco Queiroga excavated great part of the surface of the outcrop after which a series of engraved panels were uncovered. This was done in collaboration with Filipe Antunes from D. Diogo de Sousa Museum, in Braga, the place where the tracing is replicated since 2007 (Fig. 2). This tracing was published in 2008 by Almeida (2008), accompanied by a quite insufficient description and with no historical reference to the place. However, a brief description of the site, accompanied by photographs, had already been made (Bettencourt 2005), with the authorisation of Queiroga.

On the uncovered part of the outcrop, several panels with motifs that could be inserted in Atlantic rock art were distributed. The largest and more complex is located at Northeast, in a slightly elevated area partially delineated by two joints. It presents a dense network of circular motifs, joined by sinuous lines that seem to be connected with an “idoliform” (Fig. 3). This figure has a grossly trapezoidal contour with a rounded top, resembling an anthropomorphic figure, and is internally segmented. On the inferior part, it presents a concentric circle with a cup-mark, from which a sinuous line departs, joining this panel together (Figs. 2 and 4). On each side of the line, three isolated schematic zoomorphs emerge, possibly horses moving towards East. At least two of them are mounted with anthropomorphs. Another quadruped, moving towards West, appears isolated in a peripheral area to the circular compositions. It is also in this area that a segmented circle seems to overlap some motifs, mainly one which seems to be a zoomorph.

To the West of the panel described, at an inferior level, there is a set of circular figures, primarily concentric circles with or without a central cup-mark, spirals and a segmented circle that is distributed in a disperse form through the surface of the outcrop, and where only a few motifs are connected by grooves (Figs. 2 and 5). Surrounding many of these compositions, we record schematic quadrupeds, some of them ridden and turned in different directions, which confers dynamism and movement to this panel. Around one of the most complex compositions, existing on the Northwest corner, consisting of two concentric circles that partially overlap each other and one large motif of a triangular shape, amongst other symbols, a quadruped of a distinct morphology in relation to the previous ones was engraved. It is a horse ridden by an anthropomorph that carries what seems to be a spear in a throwing position (Fig. 2). This motif was engraved not as deep as the remaining figures.

We can still consider a third panel South of the first one. Here, dispersed circular figures also prevail, existing on both sides of the small joints in the direction of Northeast to Southwest. Here, two low relief figures were engraved, one of difficult interpretation, possibly unfinished, more or less in the middle of the rock, and another at a lower level. It is a semi-naturalist horse that moves towards West with its respective rider.

At last, on the Southwest extremity of the outcrop, there are also dispersed circular motifs and several cup-marks and cruciforms, these ones already engraved with a pick.

From the tracing and observations made on the field, it was possible to test some hypotheses on the different stages, already attempted previously (Bettencourt 2005), although with less data.

On a first phase, which does not imply simultaneity in time as there are concentric circles

that partially overlap, great part of the circular compositions would have been made (Bettencourt 2005), probably initiated in panel 1, on a prominent topographical position with a complex composition organised from an “idoliform”. On this phase, we would also include a possible representation of a deer, overlapped by the single rayed circle that exists in panel 1.

On a second phase, schematic zoomorphs would have been engraved, possibly horses, sometimes ridden, that occupy peripheral positions in panels 1 and 3, and surround circular compositions of panel 3, as well as possibly the rayed circle of panel 1.

Subsequently, the rider with the spear of panel 2 was probably engraved in the Bronze Age, carved with a very fine and not very visible groove, as well as the rider in low relief of panel 3 (Bettencourt 2005), which we believe to date from the Iron Age.

From the historic times, we have crosses and cup-marks that can be related from panel 4, which are an indication of the Christianisation of this place (Bettencourt 2005).

The same author discovered the rocks 2 and 3, but they still need to be thoroughly studied.

Breia 2 is located on a higher platform than Breia 1, to the West-Northwest of the latter, in a deeply irrigated area of the right side of the valley. From there the visual horizon embraces the valley to upstream and downstream, although Breia 1 is not visible. The outcrop is large, containing several quartz veins, and is composed of two types of granite, one of medium grain and the other of finer grain (Fig. 6). It is precisely on this part that we can find the only engraving observed, an opened sub-circular engraving (Fig. 7).

Breia 3 is located upstream, at the bottom of the valley, that is, north-northeast of Breia 2, and a few hundred meters downstream of a swamp that overlooks it and from where the waters that runs on this valley are sprung. Visibility is reduced from this outcrop, although there is some visual contact between the top of the swamp and Breia 2. It is also of finer granite than the local predominant granite. While its dimensions are considerable, it is partially covered by a property division wall that runs through the middle (Fig. 9). There, a circular motif (spiral?) stands out, made around a small protuberance of the outcrop (Fig. 9).

This set of engravings is distributed in a particular way on the space, following the course of the valley and the waters, from its spring to its mouth, with distinct degrees of visibility amongst them. The most closed visibility occurs at Breia 3, followed by Breia 2 and finally Breia 1 from where one can see or “guess” the mouth of this valley and the Nogueira and Lima valleys. Such characteristic makes this place the threshold for encountering different physical worlds, situation that may not be unrelated to its complexity.

This spatial relation between the different outcrops, at a local level, makes us consider the hypothesis that the communities that engraved and frequented these places, at least on a first phase, would have privileged a physical and symbolic mobility, either from the waters, or from the passage of people and animals, between the bottom of the valley and the highlands. It should be noted that its themes also suggest movement. Such is the case of, for example: the spiral around a higher point in Breia 1; the different spirals of Breia 3; the sinuous lines that come out of the interior of the circles from panel 1 of Breia 3 and, later on, the orientation of the quadrupeds on the different panels.

We also highlight that this place, shared over millennia by diverse communities that lived here, was a traditional herding route until the twentieth century.

AKNOWLEDGMENT

This work was developed in the scope of the project *Espaços naturais, arquiteturas, arte rupestre e deposições na pré-história recente da fachada ocidental do centro-norte português: das acções aos significados* – ENARDAS / Natural spaces, architecture, rock art and depositions from the Late Prehistory of the Western front of Central and Northern Portugal: from actions to meanings (reference PTDC/HIS-ARQ/112983/2009) financed by the Operational Programme “Thematic Factors of Competitiveness” (COMPETE) and by the European Regional Development Fund (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional - FEDER).

MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- ALMEIDA, C.A.B. 2008. *Sítios que fazem História: Arqueologia do Concelho de Viana do Castelo I. Da Pré-História à Romanização*. Viana do Castelo: Câmara Municipal.
- BETTENCOURT, A.M.S 2005. Gravados rupestres ao aire libre do denominado “Grupo Galaico” ou do “Grupo I do Noroeste” (Norte de Portugal). In J. M. Hidalgo Cuñarro (coord.) *Arte e Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxía*. Vol. 1. Vigo: Nova Galicia Edicións, S.L.: 161-165.

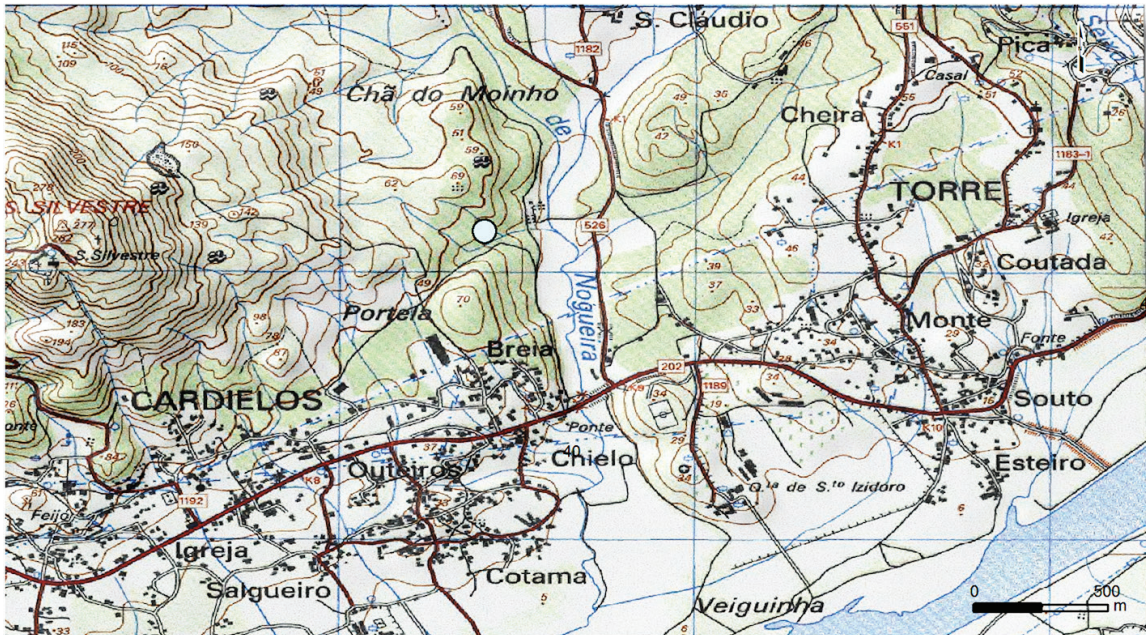


FIG. 1 – Localização das gravuras da Breia na Carta Militar de Portugal, à escala 1: 25 000.

FIG. 1 – Location of the engravings from Breia in the Military Chart of Portugal, scale 1:25,000.



FIG. 2 – Planta das gravuras da rocha 1 da Breia (segundo Queiroga e Antunes *in* Almeida 2008).

FIG. 2 – Drawing of the engravings from Breia's rock 1 (cf. Queiroga and Antunes *in* Almeida 2008).



FIG. 3 – Rocha 1. Aspeto do painel 1.
FIG. 3 – Rock 1. View of panel 1.



FIG. 4 – Rocha 1. Pormenor do idoliforme do painel 1.
FIG. 4 – Rock 1. Detail of idol from panel 1.



FIG. 5 – Rocha 1. Alguns motivos do painel 2.
FIG. 5 – Rock 1. Some motifs of panel 2.



FIG. 6 – Aspeto geral da rocha 2 onde se pode observar a irrigação própria do local e os veios de quartzo que a percorrem.

FIG. 6 – Overview of rock 2 where natural irrigation is observed and quartz veins run through.



FIG. 7 – Rocha 2. Pormenor do motivo detetado.

FIG. 7 – Rock 2. Detail of detected motif.



FIG. 8 – Aspeto geral da rocha 3 no fundo do vale.

FIG. 8 – Overview of rock 3 at the bottom of the valley.



FIG. 9 – Rocha 3. Pormenor do motivo gravado em redor de uma saliência natural. Em segundo plano há uma gravura composta por uma covinha e um sulco.

FIG. 9 – Rock 3. Detail of engraved motif surrounding a natural salience. In the background, there is an engraving consisting of a cup mark and a groove.